

Narrativas literárias clariceanas e a apreensão dos sentidos do gênero feminino

Luiz Alberto de Farias

Marcelo Flório

Telma Martins Peralta

Resumo: Este estudo tem como objetivo abordar as temáticas predominantes nas narrativas de Clarice Lispector, ao focalizar as personagens femininas e suas relações com o cotidiano, em que afloram os conflitos internos, advindos das relações sociais e afetivas de um contexto sociocultural imposto pelas relações de gênero estereotipadas. As personagens femininas que Lispector constrói não se acomodam à condição de subjugação de “rainha do lar” e, tampouco, ao papel de que porta uma essência materna. Ao contrário, elas são mulheres que apresentam sexualidade, pensam, refletem e agem em busca da descoberta e afirmação de seu “eu” e de expressão de suas subjetividades. O corpus é composto de escritos - cartas dirigidas às irmãs Elisa Lispector e Tânia Kauffaman, à amiga Olga Borelli, além de anotações, pequenos fragmentos e obras literárias - como fonte de análise. O aporte teórico advém dos estudos que preconizam as relações sociais de gênero (SCOTT, 1991), da estética da existência e dos cuidados de si (FOUCAULT, 1990), da violência simbólica da dominação masculina (BOURDIEU, 2003), e da ideia das identidades móveis (HALL, 2006). O estudo apontou para o fato de que a obra de Lispector caracteriza-se por ser intimista e interiorizada, cuja marca afirma-se pelo ritmo lento de escrita o que contrasta com o ritmo conturbado e agitado do cotidiano vivo, que subjugava e escravizava o ser humano, principalmente o gênero feminino. Evidenciou-se, também, que a atitude estetizada de Lispector diante do viver a vida apresenta-se por meio de pistas e indícios dos registros textuais.

Palavras-chave: narrativa clariceana; estudos de gênero; estética da existência.

Abstract: This paper purports to address the themes prevailing Clarice Lispector’s narratives, by focusing on female characters and how they deal with their daily lives, in which internal conflicts, on their turn, arise from social and affective relationships within a sociocultural context dictated by stereotypical gender relationships. Female characters as developed by Lispector do not conform to the subdued condition of a “queen of the home” neither to a role bearing a maternal essence. On the contrary, they are women with sexuality, who think, ponder and act in search of discovery and affirmation of their “selves” as well as the expression of their own subjectivities. The corpus consists of writings—letters to her sisters, Elisa Lispector and Tania Kaufmann, to her friend Olga Borelli, in addition to notes, small excerpts and literary works—as a source of analysis. The theoretical contribution is rendered by studies in favor of social gender relationships (SCOTT, 1991), the aesthetics of existence and self care (FOUCAULT, 1990), the symbolic violence of masculine domination (BOURDIEU, 2003), and the idea of movable identity (HALL, 2006). This paper stresses the fact that Lispector’s work is characterized by being intimate and internalized, whose mark is confirmed by a slow writing pace which contrasts with the troubled and hectic rhythm of an everyday life which is alive, subdues and enslaves human beings, particularly the female gender. It was also highlighted that Lispector’s aestheticized attitude before living and life itself is presented through clues and signs of textual records.

Keywords: The Narrative of Clarice Lispector; Gender Studies; The Aesthetics of Existence.

1. Introdução

Faz-se importante inicialmente pontuar que uma das perspectivas teóricas do estudo aqui focalizado toma como base o conceito de desconstrução do real, forma que irá possibilitar a compreensão do processo de construção das narrativas elaboradas por Lispector. Esta perspectiva também possibilitará entender como ocorre tal representação de mundo. Vale ressaltar que trabalhar nessa acepção não significa destruir o sujeito. Ao contrário, a intenção é descobrir as narrativas de Clarice com voz, rosto e nome, destituindo a noção de sujeito universal e abstrato. Portanto, dar visibilidade ao sujeito concreto intersecciona a problemática científica com a proposta política de abordagem deste sujeito (BUTLER, 1998, p. 50).

Atento às questões expostas, o artigo pretende apresentar o estudo das narrativas clariceanas a partir de duas vertentes. Num primeiro momento, a intenção é adentrar o universo literário de Clarice Lispector a partir do diálogo com a produção de Michel Foucault, Stuart Hall e Gilles Deleuze. Num segundo momento, serão analisados os discursos narrativos da personagem Joana, presente na obra *Perto do Coração Selvagem*, escrito no início da década de 1940. Percebe-se, neste momento, a escritora com críticas aos valores de uma sociedade patriarcal que está alicerçada a partir dos pressupostos teóricos de Joan Scott e Pierre Bourdieu.

O corpus de análise é composto de fragmentos de cartas e a obra literária *Perto do Coração Selvagem*. Na galáxia da literatura, encontram-se narrações, comunicações e testemunhos que transmitem e registram rastros e pistas da autora em muitos tempos e espaços.

2. A narrativa intimista clariceana

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia numa aldeia denominada Tchechelnik, em 10 de dezembro de 1920. Chegou ao Brasil, na cidade do Recife, com dois meses de idade, local em que sua família permaneceu até 1934. Clarice e família, posteriormente, mudaram para a cidade do Rio de Janeiro, permanecendo até 1944. Lispector formou-se em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil em 1944. Nesse mesmo ano conheceu Maury Gurgel Valente, diplomata. Casada, iniciou uma longa temporada de viagem aos Estados Unidos e Europa, em que acompanhou o marido até 1959. Separada, volta ao Rio de Janeiro, onde permanece em atividade literária até sua morte em 1977. Suas principais obras literárias são: *Perto do Coração Selvagem*, *A Paixão segundo G. H.*, *A Hora da Estrela*, *Água Viva*, entre outras.

A análise do corpus deste estudo, em andamento, apontou para algumas sinalizações. Percebe-se que em suas obras há uma preocupação em adentrar no universo de suas

personagens, ao propor uma investigação filosófica que utiliza os recursos das figuras de linguagem, tais como metáforas e repetições.

Os estudiosos da literatura claricena, Campedelli (1982) e Gotlib (2000), compreendem que a grande característica da obra de Lispector é a ausência de linearidade, à medida que não apresenta enredo com começo, meio e fim. A esse respeito, Clarice afirma que não se considerava uma escritora dentro dos parâmetros tradicionais da narrativa e, sim, uma intuitiva, que registrava as impressões de seus sentimentos acerca de seu mundo interior e exterior por meio da escrita. Nessa perspectiva, considera-se que sua narrativa literária contesta a linguagem literária produzida no Brasil e, dentro dessa dimensão, rompe com a prosa regionalista de José Lins do Rêgo e de Jorge Amado e, como consequência, com a prosa referencial que abordava a descrição de fatos e acontecimentos articulados às circunstâncias políticas e econômicas do Brasil (CAMPEDELLI et. al., 1982, p. 3). Certa vez, Lispector chegou a explicar seu processo de criação narrativo anti-linear dizendo que “o presente só existe quando ele é lembrança e só existe quando vai ser... O que sinto é no sem-tempo e no sem-espaço. O tempo do futuro já passou. De repente o passado é uma coisa que ainda vai acontecer” (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p. 7).

Em outro momento chegou a afirmar com base em sua poética intimista e subjetiva que é contrária à adoção de gêneros ficcionais preestabelecidos em sua escrita, quando diz que é “inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (Idem, 1981, p. 9). A autora deixa, ainda mais evidente, essa acepção do inacabamento e do indefinido, ao utilizar a metáfora do “líquido quebrado”, para imprimir a noção de que suas escrituras são “gotas” de instantes fugidios, e que não são apreendidas a partir de uma lógica racionalizante, à medida que expõe suas impressões emocionais e subjetividades com criticidade e reflexão, deixando-se entrever que “se sou líquida como é líquido o informe, antes sou gotas de mercúrio do termômetro quebrado – líquido metal que se faz círculo cheio de si e igual a si mesmo no centro e na superfície, prata que tomba e não derrama, liquidez sem umidade” (Ibidem, 1981, p. 10).

O que impressiona nas narrativas de Lispector é a sua capacidade de “fuga” em relação às regras e estruturas fixas, em sua produção literária. Chegou, neste sentido, a ser considerada “uma escritora que provocava qualquer tentativa de classificá-la” (DINIS, 1997, p. 35). É possível, então, apreender a escrita clariceana a partir do conceito filosófico deleuziano, no tocante à abordagem da noção de “linhas de fuga”. A obra de Lispector pode ser compreendida por meio do conceito de “linhas de fuga”, ao observar que a própria Clarice, pela voz da personagem Joana, chega a confrontar preconceitos, não aceitando papéis fixos e imutáveis. A personagem,

de forma clara e precisa em relação à questão, afirma que “comigo acontece o seguinte ou senão ameaça acontecer: de um momento para outro, a certo movimento, posso me transformar numa linha. Isso! Numa linha de luz, de modo que a pessoa fica só a meu lado, sem poder me pegar e à minha deficiência” (Idem, 1997, p. 21). A esse respeito, Deleuze & Parnet (1988, p. 49) explica que “fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vaziar como se fura um cano”. Infere-se, daí, que “fuga” poderá remeter à experimentação do viver. Torna-se possível perceber a “fuga” como “desterritorialização”, ou seja, rompimento com regras e padrões estereotipadas.

O entendimento de Clarice e de que suas personagens não apresentam identidades fixas, nos moldes defendidos pelos estudos culturais de Hall (2006), que considera que o sujeito na contemporaneidade está em mudança constante e não mais é constituído pela noção de uma identidade imóvel no mundo contemporâneo. Nessa acepção, o ser humano é composto por identidades multifacetadas e, desse modo, o sujeito pode não apresentar uma identidade “essencial e permanente”, o que significa dizer que o sujeito é composto por identidades plurais e, por vezes, contraditórias e não resolvidas. Nessa vertente, as identidades são flexíveis e estão em construção constante desde as primeiras formas de socialização. Pode-se, nesse sentido, falar em “identidades possíveis e móveis” no lugar de uma “identidade unificada”. Segundo Hall (2006, pp. 12-13) “(...) dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Em diálogo com as dimensões acima apontadas, a literata chegou a mencionar que o seu processo de criação acontecia a partir de uma noção intuitiva do que gostaria de expressar, que poderia ser modificada a qualquer instante, haja vista que poderia ser acometida pelo inesperado. Desta feita, ela exprime suas complexidades e ambiguidades, podendo ser traduzidas por máscaras sociais. Pelo termo pode-se compreender que há uma defesa constitutiva do ser humano diante da vida, por ela enunciada como: “Tenho várias caras. Uma quase é bonita, outra é quase feia. Sou o quê? Um quase tudo”. O sentido da máscara é dado pela autora como “o primeiro gesto voluntário humano”, sendo um ato “solitário”, segundo a própria autora (LISPECTOR apud GOTLIB, 2000, p. 20).

Nessa perspectiva estão presentes os afloramentos de narrativas em que se pode interpretar que ao edificar suas máscaras há a simbologia intrínseca de couraças de defesa ao mundo exterior. Nessa dimensão, simples atos do cotidiano ganham significados importantes diante do viver a realidade concreta. Logo, até o ato banal do fumar é explicado a partir de uma

vertente existencial, que a autora deixa entrever em outro trecho de suas cartas (LISPECTOR apud BORELLI, p. 30):

Eu tentei deixar de fumar. Acontece, porém, que se eu não fumar fico sem nenhuma couraça. Fico feito criança, de uma sensibilidade terrível. Eu tenho resolvido muita coisa com um cigarro... Cigarro me dá paciência. Mas estou fumando menos. Não sei se pelo cigarro ou porque gasto muito a cabeça pensando, repensando e me preocupando e resolvendo mentalmente todos os problemas...Mas como não fumar? O calor humano é tão parco...Eu fumo então...

A criação de couraças, também, está presente quando Lispector reflete, já em outra carta, sobre o ato de saborear um chá. O ato de atribuir significado simbólico ao chá, que é um ato aparentemente solitário, é transformado em um uma atitude de acolhimento e de derrubada das máscaras sociais que materializadas na voz da autora sugere que “nada mais solitário que fazer um chá para si mesma. Hoje preparo de leve um chá para mim. O chá termina sendo agasalho. Eu o bebo e ele me é. Sendo-me ele, então não estou mais tão só” (Idem, 1981, p.17)

Os cuidados de si intrínsecos às narrativas clariceanas podem ser compreendidos a partir dos referenciais trabalhados por Foucault (1990), ao denominar que uma vida pode ser uma obra de arte, caso tais cuidados de si sejam concretizados por meio de “estéticas da existência”. Nessa perspectiva, o pensador compreende que o sujeito não é somente constituído pelas redes panópticas de poder, o que leva à noção de que pode se subjetivar ao escapar das estratégias de micropoderes presentes na sociedade, e encontrar brechas que o fazem resistir à submissão e ao encarceramento do eu no mundo disciplinado.

Infere-se a partir dessas reflexões, que a obra de Clarice é permeada pela conquista da autonomia do viver e que o seu cotidiano o pode ser constituído por espaços de projeção e práticas de liberdade. Sobre a vida como obra de arte, estetização da existência e cuidados de si, as narrativas clariceanas podem configurar-se como sinônimo de arte/estética, pois às suas personagens femininas e ela própria não somente fixam regras de conduta, mas transformam-se, ao portarem valores e atitudes éticas na luta pelo direito ao viver, e elaboram uma crítica às regras opressoras da sociedade ocidental. Foucault (1990, p. 15), em relação à questão, assevera que “os homens não só se fixam regras de conduta como também procuram se transformar, modificando-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” .

A busca constante de seu “eu”, na perspectiva foucaultiana de vida como obra de arte demonstra que sua proposta não é a da vivência do individualismo, mas a de uma vida solitária, que vai ao encontro do “outro”, tal como descrita no fragmento da carta:

Não é a toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousou mais falar em caminho. Eu que tinha querido o caminho, com letra maiúscula, hoje me agarro ferozmente á procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando puder sentir plenamente o outro, estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p.4).

Clarice inaugura a narrativa intimista e interiorizada, em que adota um ritmo lento de escrita para contrastar com o ritmo conturbado e agitado do cotidiano vivido, que subjuga e escraviza o ser humano, principalmente o gênero feminino. Nessa análise, a narrativa clariceana compreende que um evento ou acontecimento ligado à subjetividade humana pode ser a diretriz e o eixo condutor de sua trama. Esses acontecimentos, considerados aparentemente sem importância, provocam nos personagens a liberação de pensamentos inconscientes, em que discorre poética e filosoficamente acerca da problemática do existir.

Lispector sempre buscou traduzir-se, por meio de suas cartas ou obras literárias, o que estava latente em seu íntimo, justificando-se que sua individualidade não é apresentada por texto cronológico, mas escrito a priori da vivência do dia a dia.

2. A apreensão dos sentidos do gênero feminino nas narrativas clariceanas

As personagens femininas, construídas nas narrativas literárias de Clarice, aparecem em diversos romances como transgressoras das normas atribuídas aos gêneros, com viés de uma sociedade baseada no patriarcado. Nessa direção analítica, podem-se citar algumas obras em que aparecem mulheres que se embrenham contra a hegemonia masculina na sociedade e contra a rotina que revelasse uma condição feminina que espelhasse uma essência de mãe e esposa como, por exemplo, os romances *Perto do Coração Selvagem*, *A paixão segundo G.H.* e *A Hora da Estrela*. Já os contos que tematizam a problemática feminina e sua luta contra ditames de uma sociedade preocupada com a manutenção da construção de uma mulher dessexualizada, instintiva e irracional são exemplificados em *Amor*, *Devaneio e embriaguez de uma rapariga* e *A imitação da Rosa* que são contos constitutivos da obra *Laços de Família*. Essas mulheres não se acomodam à condição de rainha do lar e tampouco ao papel de mãe da família nuclear. Tais personagens são, em geral, mulheres que apresentam desejo sexual, pensam, refletem e agem em busca da descoberta e afirmação de seu eu e das expressões de sua subjetividade. São, portanto, mulheres que vivem uma relação conflituosa com as normas de uma sociedade baseadas um discurso masculinizante.

A personagem Joana, de seu livro de estreia denominado *Perto do Coração Selvagem* (1980), escrito no início da década de 1940 quando tinha vinte anos de idade, aparece como alguém imerso em conflitos de uma sociedade sexista e consegue romper com a dimensão da violência atrelada à dominação masculina, ao descobrir que pode ser feliz e ter acesso à liberdade, sem ter

que se prender à instituição do casamento nos moldes patriarcais (BOURDIEU, 2003). Essa obra apresenta um caráter de denúncia contra o discurso universal masculino presente nas raízes da sociedade brasileira, ao flagrar a personagem que questiona sua vida de mulher casada, o que se pode identificar na seguinte fala de Joana (LISPECTOR, 1980, 159):

Julgava mais ou menos isso: o casamento é o fim, depois de me casar nada mais poderá me acontecer. Imagine: ter sempre uma pessoa ao lado, não conhecer a solidão. – Meu Deus! – não estar consigo mesma nunca, nunca. E ser uma mulher casada, quer dizer, uma pessoa com destino traçado. Daí em diante é só esperar pela morte. Eu pensava: nem a liberdade de ser infeliz se conservava porque se arrasta consigo outra pessoa

Verifica-se uma crítica à instituição do casamento, quando a personagem Joana questiona o fato de ser uma mulher abdicada ao casamento e que perde a surpresa dos destinos da vida, ao questionar-se sobre a previsibilidade da vida da mulher que não está atenta aos prazeres corporais da sexualidade: “Por que surgem em mim essas sedes estranhas?...estou ajoelhada, nua como um animal junto à cama, minha alma se desesperando como só o corpo de uma virgem pode se desesperar” (Idem, 1980, p. 23).

Parte-se, ao trabalhar com as narrativas da personagem de postura feminista, de pressupostos teóricos que abordam a categoria de análise gênero como paradigma que possibilita desconstruir os papéis sexuais como campo da natureza biológica, e concebê-los como construções sócio-histórico-culturais questionadoras de práticas a-históricas que trabalhem com a noção de que preexistia uma determinada essência e instinto feminino ou masculino (SCOTT, 1991).

Essa categoria de análise, desenvolvida no texto clássico de Joan Scott (1991), quando operacionalizada, permite perceber que as características comportamentais atribuídas como inatas ao homem e à mulher são construções de uma realidade eurocêntrica capitalista, que tem como base o ideário dos sexos definidos pelo discurso biologizante. Faz-se necessário, para compreender a constituição social de mulheres e homens, o uso dos estudos das relações sociais de gênero que são perpassados por relações assimétricas de poder.

A personagem Joana, com base na crítica à visão binária dos gêneros elaborada por Scott (Idem, 1991), em determinado momento, quer conhecer os movimentos e prazeres que o corpo pode proporcionar e descobre o seu corpo de mulher que transita das metáforas do corpo “opaco” para o corpo “brilhante”, de modo a perceber as sensações da sensualidade inscritas em seu corpo feminino, como também deixa claro que reflete ao mencionar que não era o corpo apenas que sentia, vibrava e agitava-se, mas que ela como mulher, também portadora de razão, pensava sobre os significados dos desejos que emergiam em suas entranhas, como é possível identificar nos seguintes trechos da fala de Joana (LISPECTOR, 1980, p.65):

Naquele dia na fazenda, na fazenda do titio, caí no rio. Antes estava fechada, opaca. Mas quando me levantei, foi como se tivesse nascido na água. Saí molhada, a roupa colada à pele, os cabelos brilhantes, soltos. Qualquer coisa agitava-se em mim e certamente meu corpo apenas e isso era certamente minha alma também.

Em outro fragmento do livro, a professora de Joana propõe a seguinte temática de redação: “E daí em diante ele e toda a família foram felizes”. Diante do tema, uma simples atividade escolar

torna-se confronto de valores com a professora, pois Joana não aceita essa ideia de felicidade e questiona por meio de uma indagação (Idem, 1980, p. 30):

– O que é que se consegue quando se fica feliz – sua voz era fina como uma seta clara. A professora olhou para Joana. – Repita a pergunta...? Silêncio. A professora sorriu arrumando os livros. – Pergunte de novo, Joana, eu é que não ouvi. – Queria saber: depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois? – repetiu a menina com obstinação. A mulher encarava-a surpresa. – Que ideia! Acho que não sei o que você quer dizer, que ideia! Faça a mesma pergunta com outras palavras... – Ser feliz é para se conseguir o quê?

Outro fragmento que valida à compreensão deste estudo encontra-se na obra *Perto do Coração Selvagem*, em que a personagem Joana depara-se com a realidade de uma mulher que apresenta a característica de ser “intumescida de vida”. Essa observação lhe causa inveja, pois gostaria de adaptar-se à rotina repetitiva e cotidiana da vida uma mulher casada e aceitá-la. Entretanto, o que ocorre, de fato, é o questionamento e crítica ao gênero feminino que aceita o ideal e a rotina de felicidade da mulher casada.

3. Considerações Finais

Percebeu-se que a narrativa clariceana não apresenta enredo com começo, meio e fim e é considerada intimista. Este aspecto justifica-se pelo rompimento em relação aos padrões tradicionais regionalistas e pela narrativa referencial, que, por sua vez, descrevem fatos e acontecimento políticos e econômicos.

Partiu-se do pressuposto, também, de que a obra de Clarice analisada insurge-se contra o modelo de família patriarcal, em que papéis sexuais e sociais estereotipados, a partir de um discurso universal masculinizante, eram impingidos por várias instituições à mulher e ao homem.

As análises das narrativas clariceanas colocam-se contra a ideia de que a mulher tenha uma essência que a qualifique a mantenedora e rainha do lar, submissa ao marido, tendo o casamento como parâmetro absoluto de uma vida assujeitada ao homem e à sociedade, e portadora de um instinto maternal que a torne dedicada à criação de seus filhos.

O entrelaçamento de aportes teóricos sobre a narrativa de Lispector abre para um caleidoscópio de interpretações. Entretanto, também, estimula a repensar problematizações e resgatam desafios da produção e reconstrução de novas narrativas.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina: a condição feminina e violência simbólica. São Paulo: Best Bolso, 2003.
- BORELLI, Olga. Clarice Lispector: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. In: CORREIA, Marisa (org.). Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, 1998.
- CAMPEDELLI, Samira et. al. Clarice Lispector: literatura comentada. São Paulo: Editora Abril, 1982.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DINIS, Nilson. A arte da fuga em Clarice Lispector: aproximações entre a escritura clariceana e a filosofia de Deleuze e Guattari. Campinas: Unicamp, 1997. 220 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GOTLIB, Nadia B. Clarice: uma vida que se conta. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. Perto do coração selvagem. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 16 (2), UFRGS, 1991.